

04

Como aprender com alegria

Nesta era do conhecimento e da economia, a aprendizagem contínua é a única chave para o sucesso.

Dr. Lester C. Thurow, Professor de Gestão económica, Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

Em Dezembro de 2000, o "Federal Bureau of Investigation (FBI)" dos Estados Unidos da América publicou um artigo intitulado "Tendência Mundial em 2015: Diálogo sobre o futuro com especialistas não oficiais". Nesse artigo, era abordado o problema do crescimento populacional no futuro. Estima-se que haja um aumento populacional dos 6,1 biliões em 2000 para 7,2 biliões de pessoas em 2015. Entre elas, 95% (cerca de 10.45 biliões) desse aumento serão emigrantes dos países em desenvolvimento. Para além disso, nessa altura, a expectativa de vida da maioria será ainda mais longa.

Será que este número, para além de provocar em nós sincera admiração, poderá ser motivo para desencadear, ao mesmo tempo, algum desconforto e ansiedade no que diz respeito aos padrões de vida sempre mais altos e ao melhoramento do ambiente social? Ao fim e ao cabo, um maior número de pessoas significa uma competição mais cerrada. Ao enfrentarmos os problemas da globalização e da "aldeia global", na sua acepção numérica, poderemos nós, bem como a geração a seguir a nós, compreender que a nossa vida irá ser muito mais árdua, tornando-se mais difícil sobreviver?

Recuando bastante no tempo, a sobrevivência dos nossos primeiros antepassados humanos, dependia unicamente da sua capacidade de aprender a dominar os seus rivais, salientando-se e tornando-se no vencedor final, lutando ao mesmo tempo e acima de tudo pela sobrevivência, de acordo com as leis da selecção natural. Em 1972, a Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, da Organização para a Ciência, Cultura e Educação das Nações Unidas (UNESCO), publicou o célebre relatório acerca de uma sua investigação "Aprender a sobreviver". Nesse relatório, aprender e sobreviver estão intimamente relacionados entre si daí entendermos a importância da aprendizagem para a sobrevivência humana.

Actualmente, com os numerosos recursos à nossa volta, temos a oportunidade e a possibilidade de continuar a nossa educação para conseguirmos melhores qualificações, arrecadando mais certificados e diplomas. No entanto, na época que atravessamos, existem pedidos urgentes de talentos do tipo multidimensional e profissional, que sejam "úteis para todos os fins". Com tantos competidores a afluir em massa ao mercado de trabalho, estaremos nós preparados, com as nossas reduzidas habilitações e certificados? Numa outra maneira de colocar o problema: estaremos nós em condições de sobressair perante os outros com o nosso talento e habilidades, nesta luta desenfadada pela sobrevivência e de nos submetermos à lei da selecção natural dos nossos dias? Há um ditado que diz "o melhor aço é para a lâmina". Na verdade, qual é o ponto fundamental da "cadeia de valores" das capacidades? Se a resposta for uma pessoa com habilidades, qual será então o valor central dos grandes talentos?

Lembro-me de quando andava no último ano da universidade e de que, como o nosso instituto se situava dentro do campus da Universidade de Londres, na capital do Reino Unido, tínhamos frequentemente oportunidade de convidar os 'braços fortes' de empresas famosas inglesas para palestras e seminários. Normalmente este tipo de conferências não estavam calendarizadas e a participação nas mesmas não dava direito a créditos suplementares. Mesmo assim, como o nível e prestígio das conferências, bem como o dos conferencistas,

era tanto e os temas tão oportunos, a afluência era enorme, cerca de mil estudantes que enchiam a sala. Certa vez, o convidado era um destacado dirigente de uma grande agência de empregos e, quando abordou o tema da 'competição de talentos', pediu aos estudantes presentes para lhe responderem: "Qual a qualidade mais importante numa pessoa do século vinte e um?"

Ficou tudo em silêncio. Imagina-se que todos tivessem a sua resposta muito pessoal a essa pergunta. No entanto, ninguém se atreveu a falar com medo de fazer má figura. Por fim, com o encorajamento do conferencista, começaram todos a falar ao mesmo tempo, com opiniões diferentes sobre 'as capacidades profissionais de eleição'; 'os conhecimentos gerais sólidos'; 'a rede alargada de relações humanas'... Até que, surgiu uma ideia mais aproximada da resposta correcta: "As Capacidades de Aprendizagem". O conferencista convidado acenou afirmativamente com a cabeça sorrindo, corrigindo a resposta: "Não só capacidades de aprendizagem mas, uma rápida capacidade para aprender". Aquele chefe, cuja tarefa a seu cargo era a de descobrir 'minas de

ouro de talentos', explicou-nos que, num mercado competitivo, tempo é dinheiro. Nesta sociedade comercial com uma rede de informações bem montada e espalhada por todo o mundo, os dados que conseguimos obter vão estar rapidamente também na posse de outras pessoas.

Assim, partindo de situações idênticas, aquele que dominar melhor esse 'segredo', conseguirá dirigir a sua empresa de forma a furar com êxito o círculo apertado que o cerca. Nessa altura compreendemos que 'aprender' tem agora um significado bem diferente do que tinha dantes. 'Aprender' não diz respeito unicamente a uma fase da aprendizagem escolar e não termina na cerimónia da licenciatura. Bem pelo contrário, começa no preciso momento em que deixamos a escola.

'Aprender' não se reduz ao seu significado tradicional de 'pegar na mochila e ir para as aulas', ao seu sentido de escolaridade. Também não devia ser unicamente uma ocupação dos tempos livres e de avaliação. Hoje em dia, aprender não é só um objectivo nem um meio para adquirir conhecimento. Na realidade, devia ser um hábito ou uma atitude de vida. "Se três de nós caminharmos juntos, pelo menos um dos outros dois é suficientemente capaz de ser meu professor." - é um velho provérbio com milhares de anos que nos diz que se pode aprender em qualquer sítio e em qualquer altura.

Quando aprender se tornar um hábito, descobriremos que somos capazes de absorver todos os pedacinhos de conhecimento que estão ao nosso alcance ao longo da vida. Se nos interessarmos mesmo pelas pequenas coisas que nos vêm dos mais pequenos de entre nós, iremos tirar enorme proveito disso. Começamos por observar os pormenores mais banais do que se passa na nossa vida e por tratar todos à nossa volta com modéstia. Se nos sentirmos hoje mais realizados do que ontem, de certeza que nos sentiremos verdadeiramente felizes.

Tang Hio Guing
Em "Aprendizagem ao longo da vida"
Nº 7, Junho de 2005

